

BUQUÊS E IMPACTOS NAS TELAS DE UM MESTRE COLORISTA

Olívio Tavares de Araújo

Em cerca de quatro anos, Hermelindo Fiaminghi realizou três exposições cuja característica em comum é a retomada da pintura como um exercício predominantemente sensorial e prazeroso. Nesse sentido, foram reavaliações de seu passado concretista, durante o qual certos postulados e ortodoxias teóricas antecederam o próprio ato da criação. De 1985 para cá Fiaminghi não esteve mais preocupado em defender nenhuma tese.

Seguindo o exemplo de mestre Volpi – de quem foi um dos interlocutores mais íntimos – decidiu que arte se faz com a intuição e não com regras do intelecto. (Perguntado o que tinha significado para ele o concretismo, Volpi respondeu, um dia, definitivamente: “Não sei. Nunca pensei nisso”.)

Mas entre as três exposições de retomada afetiva da pintura, esta é a menos convincente e sedutora. A atual fase do Fiaminghi parece pouco clara até para ele mesmo: entre os quadros se observa uma certa hesitação quanto ao propósito adotado. Não há um programa – o qual seria, nas circunstâncias, realmente descabido e indesejável. Mas tampouco há nem sequer delineamento de parâmetros. Fiaminghi oscila inseguro entre a construção e a euforia de certas sugestões até quase figurativas, de formas que evocam – mesmo que independentemente da vontade do pintor – vegetações. Não dá para entender dois quadros em que, dentro de quadrados concêntricos, à maneira de Joseph Albers (em sua série **Homenagem ao Quadrado**, que repetia sempre as mesmas composições **ad infinitum**, permutando a cor), surgem verdadeiros buquês.

Por isso, a presente exposição de Fiaminghi se torna menos convincente. Até hoje, ele sempre dera a impressão de uma consciência radical de seu trabalho, graças à qual se comunicava também com o intelecto do observador. No plano da proposta intelectual, presente conjunto fica meio confuso. As composições em diagonais não são o melhor “pattern”, a melhor estrutura visual, o melhor esquema sobre o qual Fiaminghi possa basear sua sempre inegável qualidade como um colorista essencial. No todo, impossível não ter a impressão de que Fiaminghi quis agradar a uma plateia mais ampla. Não se pode dizer, sem cometer injustiças, que ele fez concessões. Há em Fiaminghi seriedade e passado suficientes para assegurar sua lisura ética, em qualquer circunstância. Mas, se não há concessão, há certa busca de impacto imediato – perceptível também no crescimento do gesto – que diminui o requinte da sedução, antes tão sabiamente dosado. O que em Fiaminghi é competência não se alterou, porque a competência é saber adquirido. Mas a “inspiração” está perturbada. Em velhos admiradores de artista, que saudaram com entusiasmo sua retomada da pintura como ato de prazer, têm a obrigação de manifestar suas dúvidas. O respeito pelo pintor, por sua trajetória, por seu potencial, não diminuem; mas o entusiasmo diante desta exposição arrefece. Enfim, nem todos os dias se acerta sempre. Fiaminghi talvez esteja em transição para revoluções até mais radicais – onde não busque conciliar elementos conflitantes e se despregue de vez da estrutura em prol do puro gesto expressivo.